

ESPORTES

NFL Público se emociona com passagem histórica da liga no Brasil. Eagles e Packers reuniu fãs e deixou gosto de quero mais

Arthur Ribeiro/CB/D.A. Press



Vitor e Cecília saíram de Brasília para ver jogo na Neo Química Arena

Arthur Ribeiro/CB/D.A. Press



Job Antonio "el Coronel" e Mariana saíram de mais longe: do México

Arthur Ribeiro/CB/D.A. Press



Mel Jay e Justin Johnson: americanos curtiram experiência no Brasil

Futebol americano à brasileira

ARTHUR RIBEIRO*
Enviado Especial

São Paulo — A multidão de pessoas vestindo camisas coloridas com números na frente, atrás e nos ombros deixava quase impossível confundir a maré de apaixonados por futebol americano que visitou a capital paulista para prestigiar a história sendo feita. O primeiro jogo da NFL no Brasil, na sexta-feira, terminou com vitória do Philadelphia Eagles por 34 x 29 contra o Green Bay Packers, na Neo Química Arena, em São Paulo, e deixou o torcedor com o sentimento de dever cumprido em passar o recado: o brasileiro também ama o esporte da bola oval.

O estádio em Itaquera recebeu mais de 47 mil fanáticos, divididos entre os gritos de "fly, Eagles, fly" e "go, Pack, go". As arquibancadas foram um show à parte, com Hino Nacional cantado a plenos pulmões, assim como fizeram quando o sistema de som tocou a música *Evidências* e na hora de aplaudir as medalhistas olímpicas Rebeca Andrade, Beatriz Souza, Duda Lisboa e Rayssa Leal. Do outro lado da cidade, o Parque Villa-Lobos, em Pinheiros, recebeu mais fãs no NFL Experience, evento gratuito organizado pela liga com atividades, exposições e telão. Foi a festa do futebol americano em solo verde-amarelo.

"Brasil, obrigado. Que atmosfera inacreditável para um jogo de futebol americano. Eu sei que convertemos algumas pessoas a serem grandes fãs agora. Só penso nessa partida, foi ótimo. Era barulhento quando os dois times estavam na defesa, por causa da paixão dos torcedores. Não tenho palavras para o que vivemos aqui", agradeceu Nick Sirianni, técnico do Eagles. O casal Vitor Hugo Ribeiro e

Arthur Ribeiro/CB/DA Press



Torcedores do Green Bay Packer durante o jogo da NFL na Neo Química Arena, em São Paulo: evento reuniu 47.236 pessoas na capital paulista

Cecília Cipriano, ambos de 25 anos, foi um dos representantes do Distrito Federal no momento histórico. Apaixonado pelo futebol americano desde 2014, quando viu pela televisão o Seattle Seahawks vencer o Super Bowl, o dentista incentivou a gestora de políticas públicas a acompanhar o esporte durante a pandemia e, agora, puderam ver um jogo ao vivo pela primeira vez.

"A experiência é sensacional. Tinha muito estrangeiro, todos felizes, e conseguimos fazer algo do nosso jeito, sem manter o

padrão estadunidense. Foi Brasil e deu tudo certo", contou Vitor. "Me deu vontade de chorar. Até comentamos que Brasília tem toda a estrutura para receber um evento desses. Foi excelente. Já fico ansiosa para os próximos, porque temos tudo para ter jogos sempre. Aqui é mais legal que Inglaterra e Alemanha. O brasileiro arrasa, fizemos uma festa muito massa", complementou Cecília.

O público da casa também não ficou de fora. Paulista de Higienópolis, Rogério Vieira juntou

dinheiro desde o anúncio para conseguir ir à partida e ficou ainda mais feliz quando o time esportivo foi o Packers, para quem torce desde a adolescência. O advogado, de 34 anos, afirmou ter realizado um sonho em dobro: ver a liga em ação no país e ter o Green Bay envolvido.

Até quem estava acompanhando de casa se sentiu parte do momento marcante da primeira partida da NFL no Brasil. Sem conseguir ir a São Paulo em razão do preço dos ingressos, Vinicius Dantas, de 21

anos, fez a festa em casa com os amigos para assistir à partida de Brasília. "Não deu para estar lá pessoalmente, mas estava em espírito. Somos todos parte disso. Todos que amamos esse esporte. Isso é por nós", comemorou o estudante. As entradas, inclusive, não escaparam do problema dos cambistas. Horas antes do jogo, os vendedores ofereciam lugares por cifras na casa de R\$ 2 mil.

* Estagiário sob a supervisão de Danilo Queiroz

Jogo no Brasil atrai vários fãs estrangeiros

Nem mesmo a distância continental de São Paulo para Filadélfia e Green Bay, cidades dos Eagles e dos Packers, foi capaz de criar fronteiras na paixão. Até gente de outros países quis aproveitar a festa. Fanático pelo Pittsburgh Steelers e por futebol americano, o mexicano Job Antonio "el Coronel" Meneses, de 54 anos, traz a paixão consigo desde a infância, quando começou a assistir a NFL junto com a mãe. Ele praticou a modalidade por dez anos em ligas menores e, atualmente, é treinador e árbitro certificado. Por isso, não quis deixar de lado a oportunidade e veio ao Brasil com a esposa, Mariana Escoto.

"Tentamos seguir os jogos no exterior. Nos interessa muito. Já vimos no México e, agora, no Brasil. É difícil para os mexicanos entrarem nos Estados Unidos. Então, é mais fácil para nós quando é na América Latina. Ser aqui foi ainda melhor, porque estamos aproveitando para comemorar nossa lua de mel e de brinde veio a partida. Agora, o plano é ver os Steelers em Pittsburgh", compartilhou.

Mesmo quem está acostumado a ver a NFL de perto visitou São Paulo para sentir a atmosfera brasileira. Um "die hard" do Eagles, que seria conhecido como fanático no Brasil, Justin Johnson, 34, deixou Maryland junto da nova-iorquina Mel Jay, 33, para conhecer a exposição da liga no Parque Villa-Lobos antes de ir para Itaquera. Na sessão com todos os anéis de campeão da história do Super Bowl, o estadunidense quis fazer a previsão.

"Estou com meu time para onde ele for. Quero que ganhem (dos Packers), mas é sempre bom ver algo novo. Então, torço por um bom jogo e que vocês (brasileiros) entendam porque amamos isso. Que seja o começo de uma temporada que termine com Philly no topo", desejou, antes da partida.

O sentimento de cativar ainda mais o público brasileiro foi replicado entre os jogadores envolvidos na partida. "Tenho muita gratidão no coração em poder chegar tão longe na minha jornada pessoal, jogar fora do país, jogar futebol americano na América do Sul. É surreal. Espero que tenham gostado e tomara que possamos fazer isso de novo", celebrou Jalen Hurts, QB do Eagles.

Na mistura de brasileiro, paulista, mexicano, estadunidense e muita festa em São Paulo, a missão de dar um toque brasileiro ao futebol americano deu certo. O recado do público é unânime: volta logo, NFL.

Kicker do Philadelphia Eagles, Jake Elliott explica o quão difícil é marcar um field goal

Lance do futebol americano que mais parece com futebol tradicional, os chutes ao field goal são feitos pelos chamados kickers. Os atletas da posição têm a função de colocar a bola em jogo após o apito inicial ou depois de pontuações do time. Ele próprio pode ser responsável por somar pontos, três se acertar um field goal ou um se converter a tentativa do extra point depois do touchdown. Para isso, basta acertar o meio entre as duas traves. O resumo pode fazer parecer fácil para os boleiros,

mas não é bem assim.

"O estilo de chute é muito diferente. No de vocês, geralmente é para conduzir a bola. No nosso, ele precisa ganhar altura rápido. Tivemos a sorte de ver alguns times europeus treinando no nosso CT na Philadelphia e pude acompanhar esses jogadores, tentar traduzir as habilidades deles. É divertido de assistir. Todos são super talentosos, mas eles, definitivamente, iriam ter dificuldade para conseguir fazer a bola subir. Diferença no contato, tamanho da bola. O movimen-

to é parecido, mas existem muitas diferenças", explicou Jake Elliott, kicker do Eagles.

O dilema divide opiniões, mas para um brasileiro que ama NFL, a resposta estava na ponta da língua. "Fazer um gol de falta no estádio lotado não deve ser fácil, mas acho que chutar um field goal é mais difícil, porque são onze brucutus correndo atrás de você para tirar a bola", opinou Eduardo Castro, cangango de Sobradinho, que acertou uma tentativa de field goal na NFL Experience, em São Paulo.



Camisa quatro comparou o estilo de chute da modalidade com o futebol

SÉRIE B

Em um jogo amarrado e pouco inspirado, o Santos derrotou o Brusque, por 1 x 0, e encerrou uma sequência de quatro jogos sem vitória na Série B do Campeonato Brasileiro. O único gol da partida, que aliviou a situação do técnico Fábio Carille, foi anotado por Wendel Silva, reforço recém-chegado do Porto B, de Portugal.

SELEÇÃO

Um dia depois de passar sufoco para vencer o Equador, em Curitiba, a Seleção Brasileira iniciou a preparação visando o duelo de terça-feira, contra o Paraguai. Os jogadores que jogaram mais de 45 minutos realizaram atividades regenerativas na academia, enquanto o restante participou de um trabalho em campo reduzido.

MERCADO

O Cruzeiro oficializou, ontem, a venda do atacante Arthur Gomes ao Dinamo Moscou, da Rússia, por R\$ 36 milhões, além de metas pré-estipuladas, que podem aumentar a quantia. O Santos comemorou o acerto. Por ser o clube formador, o Peixe tem direito a R\$ 1,4 milhão pelo mecanismo de solidariedade da Fifa.

TÍTULO NO TÊNIS

A brasileira Ingrid Martins conquistou, ao lado da norte-americana Quinn Gleason, ontem, o título do torneio feminino de duplas do WTA de Montreux, na Suíça. O primeiro troféu no circuito de tênis veio com um triunfo por 2 sets a 1, parciais de 6/3, 4/6 e 10/7, sobre a parceria formada pela suíça Simona Waltert e a argentina Maria Carle.

FÓRMULA 1

Um dos destaques do Mundial de Fórmula 2 e de olho em uma vaga na Fórmula 1 em 2025, Gabriel Bortoletto correu pela primeira vez em um carro da categoria, a McLaren utilizada em 2022, no circuito de Red Bull Ring, em Spielberg, na Áustria. O brasileiro de 19 anos integra a academia de pilotos da equipe britânica.

US OPEN

Bicampeã do Australian Open no começo do ano, a belarrussa Aryna Sabalenka chegou, ontem, ao terceiro título de Grand Slam e o 15º troféu da carreira. Em grande apresentação diante da norte-americana Jéssica Pegula, a número 2 do mundo celebrou a conquista com vitória por 2 a 0, com duplo 7/5.